

A melancolia do Doutor Glas

Fabiano Massarro Salvador

Reconheço que os psicólogos inventaram um desagradável nome grego para definir a tendência a ver analogias em toda parte, mas isso de modo algum me assusta, pois sei que há semelhanças entre todas as coisas, porque tudo é tudo, em todo lugar.
(Strindberg, *Inferno*, 1982, p. 80)

Antes de tudo faz-se necessário ressaltar com bastante satisfação que o atual número da revista *Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental* (RLPF) celebra um ano da seção “Movimentos Literários”, que procura fazer interfaces com outros domínios do saber para enriquecer ainda mais a visão sobre o *pathos* psíquico nas suas diversas manifestações.

Neste artigo, o romance de um autor um tanto desconhecido do público brasileiro será examinado. Trata-se do escritor sueco Hjalmar Söderberg. Escandinavo, nascido em 1869, Söderberg, antes de tornar-se escritor, trabalhou no funcionalismo público de sua cidade natal, Estocolmo. Descontente com o rumo que tomava seu trabalho e sua vida, parte para o jornalismo onde acredita ser possível atribuir um sentido mais autêntico à sua existência. Acreditava que esse novo ofício estaria em consonância com aquilo que mais desejava: ser escritor.

Hjalmar Söderberg é um autor a quem não podemos chamar prolífico. Publicou alguns romances, peças de teatro e sua obra mais

famigerada *O Doutor Glas* considerada sua *opus magnum*. Esta obra teve versão cinematográfica, mas não apareceu por aqui.

Para entender a ideia do romance é sempre frutífero pensar sobre aspectos históricos de onde a obra emerge.

Os países nórdicos possuem uma tradição cultural muito rica, geralmente são lembrados por sua beleza e desenvolvimento nas mais diversas áreas. Detentores de uma rica e ancestral mitologia Viking, diversos artistas importantes na história da cultura são oriundos das geladas e noturnas terras do norte: os filósofos Soren Kierkgaard e Emanuel Swedenborg, os dramaturgos Henrik Ibsen, August Strindberg, romancistas como Pär Lagerkvist e Knut Hamsun, nas artes plásticas Edward Munch, Hugo Simberg, no cinema o importante nome de Ingmar Bergman, que deixou herdeiros como Thomas Vinterberg, Aki Kaurismäki, Lars von Trier e Nicolas Winding Refn com seus instigantes e perturbadores filmes.

Mas é interessante pensar um pouco... O que haveria entre esses artistas de tão instigante? Apesar de estarem separados temporalmente parece haver em suas obras um espaço privilegiado para questões metafísicas envolvendo loucura, angústia, morte, desespero e solidão. Se pensarmos ou virmos alguma das telas de Munch, por exemplo, entraremos em contato com imagens espectrais, soturnas e noturnas, onde desfilam seres que trazem em suas expressões a marca de uma subjetividade sofrida, em cacoc, errantes.

Os ambientes descritos por Hjalmar Söderberg em *O Doutor Glas*, fazem lembrar essa atmosfera tipicamente nórdica, com matizes góticas e de uma solidão metafísica bastante clara. Este romance, em forma de diário, se distancia e ultrapassa a linguagem dos romances de formação (*Bildungsroman*), calcados na tradição romântica alemã, bem como os romances de costumes, muito difundidos pela Europa.

Em *O Doutor Glas*, o *leitmotiv* não são as auroras boreais, ou visões de lindos e infinitos fiordes. O que é privilegiado são reflexões sobre o sentido da existência, morte, sexualidade, trespassados por uma solidão primordial. O sol que brilha, em definitivo, é negro. Não existem momentos de contemplação, se existem, são pífios, carregados de melancolia, marca esta que na medida em que o tempo passa se torna personagem primária. Em Söderberg tampouco os ventos míticos de *Thor* parecem amenizar o estranhamento frente aos questionamentos em relação ao próprio Eu. A escrita de Söderberg pode ser qualificada de *literal e literária*. Ela é econômica, poética, não é constituída de intermináveis *rococós*, tampouco floreios e meditações infundáveis. Ela é clara, em certa medida agressivamente clara, a ponto de ofuscar.

Mas quem é afinal o Doutor Glas?

Glas parece ser um desses indivíduos tipicamente *fin de siècle*, dividido entre as animosidades do velho mundo e ansioso frente a um mundo complexo que

começa com grandes promessas. Glas cursou medicina, mas parece não apreciar muito sua profissão. Sua vida é solitária, não estreita laços com quem quer que seja. Todas as relações são de extrema formalidade, a ausência de paixão é quase tangível. Em contrapartida, sua subjetividade é imersa em sentimentos controversos, ambivalentes, onde o que reina é o desejo e a memória. Há em Glas uma espécie de supremacia da memória e da observação. Glas é um perscrutador nato do que o circunda, seu diário tem a frieza médica mesclada a um poético lamento melancólico. Emite juízos, reflete e, por fim, refuta as conjecturas que fizera anteriormente. Anseia por ação, mas não age. Reclama da solidão, percebe o mundo como angustiante, mas se mantém só. Sente desejo pelas mulheres, admiradas com ressalvas, pensa que o sexo deve ser uma espécie de *cântico dos cânticos*, com flores, trombetas a ressoar, em um campo florido, tudo na mais completa harmonia com o divino. Acha inconcebível a ideia de dormir com uma mulher, sobretudo que ela o veja dormindo. Alega que em tenra idade, ou quando se é novo, ser observado dormindo não consiste um problema, mas depois de certa idade ver um homem dormindo, ver seu rosto é da ordem do insuportável. Complementa seu pensamento com uma frase por demais interessante: “Talvez as pessoas sentissem menos confiança em mim se soubesse como durmo à noite” (Söderberg, 2012, p. 37).

Glas parece nutrir um sentimento de repulsa em relação ao próprio corpo e, sobretudo, ao corpo masculino. Uma lembrança distante na qual o médico se detém e narra-a com bastante vivacidade, é a de um episódio de sua infância. Nesse período seu pai tentava ensiná-lo a nadar, e o fazia nu. Glas salienta que não sabia o que era mais repulsivo, se o medo de morrer afogado ou o contato com o corpo nu de seu pai. Não admitia a ideia de ser visto nu, nem do alto de seus trinta e poucos anos.

É interessante perceber como Glas é um homem cômico e bastante severo consigo, diríamos um homem com um superego bastante vigilante. Tais conjecturas resultam da leitura de seu diário. Nele, anota de forma acurada seus sonhos, desejos, sentimentos, situações pretéritas e presentes e sua confissão. É por meio dessas anotações com datas não lineares que vamos estabelecendo uma ligação com o personagem, e é por ele também que notamos como a melancolia de Glas vai tornando-o cada vez mais estranha ao médico. Apesar de seu olhar infalível, por vezes científico sobre o que o rodeia, sente-se vítima de sensações, presságios que vão aos poucos tomando forma, intensificando-se no desenrolar da trama.

Para falar um pouco mais sobre a melancolia de Glas e entendermos o que se desenrolará *a posteriori* é importante trazer uma reflexão que Freud faz acerca da melancolia. Freud (2011) diz:

Há muito tempo sabíamos que nenhum neurótico abriga propósitos de suicídio que não estejam voltados para si a partir do impulso de matar os outros, mas não pudemos compreender o jogo de forças pelo qual uma intenção como essa pode se por em ação. (p. 69)

O pano de fundo da vida de Glas parece seguir uma monotonia e uma ruína acerca do mundo e acerca de outrem. O signo da transitoriedade afeta Glas profundamente. Seus interesses em certa medida são pretéritos ou impossíveis de serem realizados por ele. Existem sempre desculpas elaboradas para aquilo que almeja. Não há ação, somente lamento. Quando se olha no espelho vê uma superfície achatada e cinzenta. A cor gris parece ser a da existência de Glas.

As coisas se tornam mais sérias quando Glas começa a nutrir sentimentos por uma paciente que é casada com um reverendo muito mais velho do que ela. A paixão que se inflama em Glas pela mulher do pastor Gregorius, a saber, Helga, ocorre quando esta é atendida em seu consultório, e reclama do desejo insaciável de seu marido. Glas fica perplexo com a voracidade e potência sexual que o pastor possui e também com a tristeza de Helga que diz ser quase violentada por Gregorius. Que estranhos pensamentos ganham forma na mente de Glas, uma vez que se cruzam sexualidade, religiosidade e velhice! Em seu íntimo ele repete de si para si: “Cuidado pastor, cuidado pastor”.

O pastor Gregorius representa para Glas tudo aquilo que merece desprezo e temor. Supostamente a figura de Gregorius comporta também um poder muito grande em relação a questões metafísico-religiosas, como condenação, perdão, absolvição. Se Glas tem o poder da vida e da morte sendo médico, Gregorius tem outro, igualmente potente. Compara o pastor a um *fungo*, sente nojo do mesmo. O curioso é que na adolescência de Glas, ele sentia desprezo pela religião e seus representantes, achava que as doutrinas não perdurariam muito tempo, ao mesmo tempo sentia um imenso desejo de ser um homem religioso, de seguir uma vida nesta esfera, chegando um dia a ser uma figura notável, poderosa que pudesse reinar sobre a terra e inclusive ser coroado.

Mas a grande proposição que se abate sobre Glas é de fato o relato da jovem Helga. Além deste incômodo, outro vem se somar, ainda mais difícil para o médico. Helga está apaixonada por outro homem, um jovem com um nome bastante sugestivo, semelhante ao de Glas, o belo Klas Recke.

Recke é uma espécie de *alter ego* de Glas, ou até mesmo em termos mais analíticos, o ideal de ego do médico. Klas é bonito, rico, transita pela sociedade com bastante desenvoltura, seus vínculos sociais são estreitos, não é um bajulador, tampouco alguém indiferente, ou seja, ele é tudo aquilo que Glas desejava ser: um típico burguês do início do século XX.

Para não perdermos de vista a conjectura de Freud, uma pergunta se constitui: Um melancólico seria capaz de cometer um assassinato?

Sabemos que os estudos sobre a melancolia são ingentes. Fala-se de homens de gênio, poetas, estetas, artistas, românticos, idealistas apaixonados, sofredores de toda sorte, que estampam suas mazelas por meio de negações da vida, mutismos, tendo como pano de fundo um tempo que insiste em não passar. Escravos de objetos perdidos, que ainda esperam reconhecimento ou da vida ou de outrem. Seres muitas vezes paralisados, plenos de vontades, ideias fixas, porém chorosos, vítimas de um mundo onde não há lugar, trabalho e pessoas que estejam à altura de suas expectativas. Sujeitos que mantêm um trabalho dispendioso para manterem-se na perda, não arriscam e não investem em objetos possíveis.

Glas, após a fatídica consulta, inicia uma série de pensamentos em relação ao pastor Gregorius. Pensa nas pílulas que há muito tinha manipulado para uma ocasião desesperadora, envolvendo morte eminente, por meio de uma doença, ou os sofrimentos indizíveis do amor. Glas em uma gaveta, dentro da caixa de um relógio sem ponteiros, guarda pequenas pílulas de cianeto de potássio, as quais chama de inimigas da humanidade e de tudo que é vivo. Flerta com as mesmas por diversas vezes, até que decide que irá matar o pastor dizendo a ele que é um novo remédio para o coração. Após tal resolução, alguns sinais e sintomas parecem estar em seu encaixe, pensa ver o pastor se aproximando na rua, tal visão dissipa-se em sua frente quando se olha no espelho percebe-se cada vez mais acinzentado e terrivelmente angustiado.

Para um homem que até então não tinha realizado grandes feitos e em trinta e poucos anos construído uma vida com um grande dispêndio de energia, Glas toma a iniciativa de chamar o reverendo, assim que o avista, para tomarem uma bebida. A conversa se dá sem grandes questões, falam sobre saúde e também de novos medicamentos. Segundo Glas, o pastor padecia de *bacilofobia*, seres invisíveis assediavam sua mente, portanto era um paciente sempre aberto a novas intervenções medicamentosas. Glas dizia que o pastor não se furtava em experimentar um novo medicamento.

Foi com essa premissa que Glas oferece ao religioso a pílula de cianeto. Esse assassinato deliberado, premeditado, é executado à luz do dia, em um café, à vista de todos, porém ninguém vira quando o pastor sucumbiu ante os potentes efeitos do cianeto, nem Glas, pois entre o pastor ingerir a pílula e tomar água, Glas abaixa-se como para se esconder e procura outra pílula que cai ao chão. Quando se levanta observa friamente o resultado de seu ato.

Após a morte do pastor Gregorius, o Doutor Glas¹ começa a estilhaçar-se paulatinamente. Sentimentos persecutórios o afligem, pareidolias diabólicas e por-

¹Na língua sueca, glas pode significar vidro e espelho.

nográficas lhe saltam aos olhos, alucinações auditivas se combinam, e o irresistível cinza começa a apoderar-se de seu corpo refletido no espelho.

É possível pensar, assim, que Glas, até a idade de trinta anos, conseguiu a muito custo manter suas defesas razoavelmente ativas contra ameaças de seu complexo e caótico mundo interno. Afora tais aspectos, o que fica mais evidente é que Glas parece não ter conseguido fazer de sua vida um poema, tampouco outra obra como o mesmo dizia, “Abraçamos uma sombra e amamos um sonho” Södenberg, 2012, p. 88).

As explicações podem ser inúmeras como sugere ironicamente Strindberg na epígrafe deste texto ou quem sabe o próprio Glas tenha deixado uma pista sobre seu destino.

Fui sempre bastante solitário. Transportei a minha solidão por entre os muitos, como o caracol transporta a sua casa. Há seres para os quais a solidão não é uma circunstância que acabou por sobrevir, mas um traço de caráter. E a minha solidão ensinou-me uma grande verdade: aconteça o que acontecer, corram as coisas bem ou mal, o meu “castigo” será sempre a prisão perpétua em regime de isolamento. (Södenberg, 2012, p. 110)

Referências

- Freud, S. (2011). *Luto e melancolia*. São Paulo: Cosac Naify. (Trabalho original publicado em 1917[1915])
- Söderberg, H. (2012). *O Doutor Glas*. Portugal: Relógio D'água.
- Strindberg, A. (1982). *Inferno*. São Paulo: Max Limonad.

FABIANO MASSARRO SALVADOR

Av. Regente Feijó, 1000 – Jd. Anália Franco
03342-000 São Paulo, SP, Brasil
e-mail: massarro@ig.com.br